

“Comprar alimentos durante a semana é mais barato”, ensina Fernandes

Pesquisar centenas de preços por cinco décadas permite acumular aprendizados sobre como comprar melhor, observa Hercílio Fernandes. O coordenador do Índice de Custo de Vida (ICV) da Udesc Esag alerta que, atualmente, é mais barato comprar alimentos durante a semana. No caso de produtos de higiene e limpeza, é possível gastar de 30% a 40% menos se as aquisições forem em lojas de atacarejo:

– Fazer uma grande compra no final ou no início do mês ajuda a gerar inflação. Isso porque o supermercado entende que tem alta demanda e precisa repor o estoque. O ideal seria fazer a compra mais distribuída ao longo do mês e não de uma vez só – explica.

Os levantamentos de preços para o ICV da Udesc apontam, também, que aos finais de semana, quando as pessoas compram mais, há menos ofertas nas prateleiras de supermercados. Por isso, a dica para gastar menos é não comprar nos finais de mês e nos finais de semana.

– Se as pessoas fossem mais vezes aos supermercados, além de colaborar para a redução de preços, ajudariam também as empresas do setor. Isso porque elas não precisariam de lojas grandes e disponibilizar um grande volume de mercadorias para vender num curto período. O problema maior é no setor de hortifruti, que tem produtos muito perecíveis. Se o consumidor comprar menos, os estoques podem ser menores. O grande problema da economia são os desequilíbrios – alerta Fernandes.

No último ano, também estão chamando a atenção da equipe do ICV as variações de preços nas safras. O normal era que, quando iniciava a colheita de um determinado produto, aumentava a oferta e caía o preço. Mas os números da inflação de Florianópolis têm mostrado que nem sempre é assim, o que intriga Hercílio Fernandes.

– Frutas, legumes e hortaliças, normalmente, têm um período de safra e outro de entressafra, com queda de preços na safra e vice-versa. Este ano, a gente observou pro-

duto com alta de preços na safra. A batata inglesa subiu mais de 30% em outubro e, em novembro, na safra, não teve recuo na mesma proporção – detalha.

Os desequilíbrios dentro e fora do período de safra também aconteceram com os preços de cereais comercializados com base na cotação do dólar. As maiores pressões durante a pandemia vieram dos preços do arroz, milho e soja. Para o especialista, a falta de estoques reguladores da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) reduz a oferta e ajuda a gerar inflação. Chama a atenção, também, o crescente número de produtores rurais que estocam produtos à espera de preços mais altos. Essa é outra pressão nos preços de alimentos.

Outra mudança recente destacada por Fernandes é o crescimento das redes supermercadistas de Santa Catarina, com presença em diversos estados. Isso tem reduzido as diferenças de preços de alimentos entre uma cidade e outra. Elas fazem grandes compras e praticam preços uniformes, o que inibe altas de preços muito fora da média.



A batata inglesa subiu mais de 30% em outubro e, em novembro, na safra, não teve recuo na mesma proporção

HERCÍLIO FERNANDES,
O coordenador do Índice de Custo de Vida (ICV) da Udesc Esag

>> ENTREVISTA

HERCÍLIO FERNANDES O coordenador do Índice de Custo de Vida (ICV) da Udesc Esag

“A NOSSA INFLAÇÃO ATUAL É MAIS DE OFERTA DO QUE DE DEMANDA”

Ao longo da trajetória de apuração da inflação de Florianópolis e da vivência com indicadores nacionais, Hercílio Fernandes aponta como melhor notícia o êxito do Plano Real para estabilizar os preços. Após a hiperinflação de 1993, quando os preços na Capital de SC tiveram o recorde anual acumulado de 2.688,74%, a inflação foi recuando com a ajuda da URV e do Plano Real.

– Depois de tantos planos fracassados, o Real também nasceu com uma desconfiança muito grande. Uma das preocupações era a questão cambial. Eu achava que seira mais um plano. Me surpreendi, deu certo e foi o que seguiu a nossa economia até agora – destaca ele.

Para ele, o êxito resultou das escolhas corretas de economistas de renome que elaboraram o plano. As inflações acumuladas nos últimos 12 meses na Capital, de 10,80% e no país (IPCA), de 10,74%, preocupam, mas o Banco Central está controlando.

A seguir, Fernandes dá mais detalhes do trabalho dele:

Como foi elaborado o Índice de Custo de Vida (ICV) e quando saiu o primeiro?

Coube ao professor Newton José de Andrade liderar a elaboração do índice mensal e iniciar as pesquisas. Ele foi até a FGV para saber como era feita a apuração da inflação brasileira. Visitou vários estados e solicitou uma pesquisa de orçamento familiar para embasar o cálculo. Ela definiu que produtos seriam incluídos e a ponderação de cada um no custo das famílias. Em julho de 1968 se produziu o primeiro índice do custo de vida para Florianópolis.

Quanto índices mensais já foram apurados?

Estamos há 53 anos calculando esse indicador. Já foram 640 meses de publicação ininterrupta. Normalmente, se faz 16 a 17 mil cálculos por mês para chegar ao resultado final. Nas primeiras décadas, o cálculo era feito manualmente, com uma calculadora antiga. Só fomos informatizar o processo pelo computador em 1990, há 30 anos. Mas a chegada do computador não tornou o trabalho muito mais ágil. Sempre que tivesse que alterar um preço, tinha que rodar de três a quatro horas todos os dados. Nos primeiros tempos, costumávamos publicar no dia 14 ou 15 do mês subsequente. Demorávamos para fazer os cálculos e o índice era publicado depois de impresso em gráfica. Agora, fechou o mês, o relatório digital está na mão.

A coleta de dados é feita com que frequência?

A última coleta de preços é feita dia 29 e o cálculo sai dia 30 ou 31. Isso inclusive no final do ano. Dos 297 produtos pesquisados, mais de 140 itens são de alimentação, pesquisados uma vez por semana em cada fonte. São 16 fontes, incluindo supermercados, feiras livres e o Direto do Campo. No final do mês, juntamos essa massa de dados, criticamos tudo e aí vai para um cálculo final.

Por que o cuidado com a pesquisa sobre alimentação?

No caso de serviços públicos, raramente tem dois ou três aumentos no

mês. A parte de combustível, agora é uma realidade diferenciada, com alterações frequentes. Os demais preços não oscilam muito quando a economia está controlada. Os preços de alimentos mudam com mais frequência sempre por isso são mais pesquisados.

Um dos períodos mais críticos da trajetória da inflação brasileira foi nos anos de 1980 e 1990. O que destaca dessa época?

No governo de José Sarney (de março de 1985 a abril de 1990) tivemos cinco planos econômicos: Cruzado, Cruzado 1, o Plano Bresser, o Plano Feijão com Arroz e o Plano Verão. Nessa época, teve congelamento de preços. O governo Collor lançou dois programas de estabilização. Quem controlou a inflação foi o Plano Real, no governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1994. Antes, em 1990, quando foi decretado o Plano Collor, estávamos com uma inflação calculada de 105% no mês.

Como o senhor analisa a inflação atual?

A nossa inflação atual é mais de oferta do que de demanda. A inflação dos combustíveis, por exemplo, ocorre porque falta refino de petróleo. Hoje, somos dependentes da importação de diesel, gasolina e querosene de aviação. Mas, na maioria das vezes, em outros momentos, o Brasil teve inflação de demanda, isto é, muita gente comprando, o que resulta em alta de preços.



No governo de José Sarney (de março de 1985 a abril de 1990) tivemos cinco planos econômicos: Cruzado, Cruzado 1, o Plano Bresser, o Plano Feijão com Arroz e o Plano Verão.



Acesse outros conteúdos em nscototal.com.br